

Andréia Miron

O Dândi voador: modo e moda de Alberto Santos Dumont

Homenagem ao Centenário do Pai da Aviação

Palavras chaves: moda, estilo, cidade, comportamento e Modernidade.

Cidade como Contexto

O período dandístico tem como contexto a “cidade-luz”, Paris a capital intelectual, cultural do mundo, da efervescência da tecnologia fazia da vida urbana uma nova expectativa.

Foi uma época de grande ostentação e extravagância onde a elite da sociedade de Londres, Paris a New York e Rio de Janeiro revelam os hábitos, perseguição da beleza e do romance como maneira de vida. Paris modernista efervescia culturalmente, inúmeros artistas chegam à cidade, atraídos pelo dinamismo cultural e pelo ritmo eletrizante da vida social, especialmente a noturna, dos cafés, bares e cabarés.

Comportar-se à parisiense tornou-se a representação da nova era - a *La Belle Époque*. Dos costumes às construções, dos lazeres ao vestuário, o chique era voltar às costas ao passado, do peso das influências portuguesa e africana, para suspirar pela cidade-luz; “Paris”. Na pintura os movimentos estéticos europeus do período (impressionismo, simbolismo, pontilhismo e *art nouveau*) retratavam as transformações vivenciadas pela sociedade no momento e exerciam influência nos artistas nacionais. A pintura continuava ser o carro chefe, mas os temas ficavam atrelados ao cotidiano das pessoas. Sendo comum a discussão em bares e cafés sobre política e cultura. As discussões eram animadamente coletivas, mas as produções artísticas eram individuais.

As companhias de balé e ópera estavam em alta, com a dança revolucionária de Isadora Duncan (1878-1927), precursora da dança moderna. O fim deste século traz uma surpresa atrás da outra, revelando cada vez um novo talento humano. Do espírito sorridente da *La Belle Époque*, emana uma

*fê inabalável no progresso*¹. E as extraordinárias novidades do século, da ciência como símbolo e garantia de um mundo melhor. Um admirável mundo novo.

Nos últimos anos de dandismo vê-se um certo retorno ao clássico com cores cinzas e negra que era a condição do poeta e crítico francês Charles Baudelaire (1821-1867), reforçando a invisibilidade como acessório essencial da elegância, os dândis modernos passam despercebidos entre as multidões. O dândi estético com o crivo das novas tecnologias passa a se tornar um dândi ousado com criações inovadoras.

“A Modernidade certamente foi a maneira de indicar o incansável desejo de mudança característico da vida cultural no capitalismo industrial, o desejo pelo novo, que a moda bem exprime”².

Segundo Baudelaire³ *a modernidade é transitória, efêmera, mas a beleza é eterna e urbana. E ela não é mais dos museus e sim das ruas, por isso a necessidade de sair e ser visto.*

No século XIX, essa imagem urbana da multidão que se acotovela, colide e transforma o uso coletivo no olhar que se cruza e se perde em inúmeros olhos aturdidos, surpresos e medrosos ao mesmo tempo.

O poeta da cidade Baudelaire, em meados do século XIX, sentiu o impacto da cidade européia, Paris, e o local dessa imagem urbana já não é a praça pública, mas as longas ruas, as avenidas, os *boulevares*, as galerias, os becos da cidade que sofrem o impacto da metropolização. E como alcançar a beleza neste mundo moderno e efêmero?

O caminho aponta na desconstrução do olhar por conseqüência vai ser retratado o efêmero, o dia a dia. As bases sólidas do mundo, da sociedade, dos bairros, do convívio social...tudo será fragmentado. Ainda questiona *o estranhamento do homem diante de um lugar que se transforma em uma escala de tempo menor do que aquela da vida humana, de uma cidade reproduzida, como exterioridade*⁴.

O Rio de Janeiro então capital da recém-fundada República brasileira sucumbe-se a idéia e “civiliza-se”. Famílias vinham fazer o *footing* à tarde e tomar chá nas requintadas confeitarias das novas ruas remodeladas. Os encontros nos cafés foram substituídos pelas reuniões fechadas nos salões, onde surgiu a moda do *five o'clock tea*; além disso, a vida intelectual ia se refinando também nos clubes, nos teatros da moda, nos cinematógrafos, nos hotéis, restaurantes, cassinos e *music-halls*, criando as condições para o aparecimento do dandismo: ideário, que começou no Brasil a tomar forma a partir de uma reinterpretação do pessimismo europeu do fim do século - principalmente através da obra de Baudelaire passando ainda pela influência do ideário estético do inglês George Brummell. O dândi, nada mais é o comportamento social, a atitude levando o requinte e a sofisticação a um

¹ Revista Nosso Século.1900-1910 , n° 02.Em fascinantes máquinas , a magia de um novo tempo..São Paulo: Abril Cultural,1973.p.55

² MONDADORI, Arnaldo. A Moda – 5000 anos de elegância. Lisboa: Verbo, 1965.p.217.

³ Baudelaire, Charles.Sobre a *modernidade*. São Paulo, 1997.p.27.

⁴ CARLOS, Ana Fani Alessandri. Espaço Tempo na Metrópole: a fragmentação da vida cotidiana. São Paulo: Contexto, 2001.p.341.

patamar de estilo, através do exagero, onde a perfeição da indumentária consiste na distinção, a melhor maneira de se sobressair. A figura do dândi de salão, a pose irônica arquitetada de seus paradoxos foi de repente valorizada enquanto perfil de um porta-voz do desdém pela realidade brasileira. O espaço do dandismo era valorizado nas páginas dos jornais, em colunas ocupadas com jantares, chás, festas e atividades de lazer, o ócio vira assunto de destaque, a moda faz notícia e os interiores das residências são priorizados nas descrições⁵.

"Para aqueles que fizeram a opção pela aparência, a máscara acaba por se tornar a realidade. Acontece com a aparência o que acontece com a fé, que nasce dos gestos que a mimam: à custa de representar tal ou tal sonho, nos tornamos o que apresentamos de nós. Assim é inútil procurar o 'verdadeiro' dândi atrás da máscara que o 'Belo' se forjara: o dândi está inteiro em sua aparência"
6.

A efervescência da vida literária e mundana do Rio de Janeiro contagiava o Brasil com a onda de progresso que a República vinha conhecendo. As crises de transição haviam passado, a economia prosperava e nas grandes cidades multiplicavam-se lojas, confeitarias, salões elegantes.

A *Rue de La Paix*, em Paris era a rua da moda, vitrines, lojas, perfumes, jóias seguindo os padrões europeus, o chique da época no Rio de Janeiro era a Rua do Ouvidor. Nesta nova sociedade industrial endinheirada com a necessidade do exibicionismo, o hábito era de sair as ruas para serem vistas e admiradas: *Podemos perceber como os ricos se vestiam, sua postura seu comportamento, os constrangimentos dos códigos e vestimenta feminina da época, o materialismo elaborado de uma cultura que acreditava, que riqueza, status e propriedade deviam ser "publicamente ostentados"*⁷. Além de ser uma demonstração de consumo, revelando que aquele que segue a moda consome bens valiosos em excesso, o vestuário pode não ser um sinal de riqueza, mas um elemento que *comprova a ausência de qualquer espécie de trabalho produtivo; transformando-se em insígnia do ócio*.⁸

O Dândi Voador

⁵ Revista Nosso Século.nº 4.A inteligência brasileira entre a Europa dos sonhos e a sombra dos cafezais.São Paulo: Abril Cultural, 1973.P.207.

⁶BOLLON, Patrice. *A moral da máscara: merveilles, zézous, dândis, punks, etc.* trad. Ana Maria Sherer. Rio de Janeiro: Rocco, 1993, p.185.

⁷ BURKE, Peter. *Testemunha Ocular- Fotografias e Retratos*.São Paulo:Edusc, 2004 p.149.

⁸ RAINHO, Maria do Carmo Teixeira. *A Cidade e a Moda*.Brasília:Unb, 2002.p.24

A vida do maior inventor brasileiro Alberto Santos Dumont (1873-1932), Santos=Dumont metaforiza um período na história do Brasil em que rompe com a monarquia, arrebenta as correntes do trabalho escravo e incentiva a abertura para a industrialização. Os ideais de liberdade, tecnologia e progresso apontavam na direção de um novo tempo.

Nosso jovem visionário, idealista e inventor dândi nascido no fim do século passa a fazer história e estilo transitando entre as capitais Paris e Rio de Janeiro até os anos 1930 do século XX. *Le petit* não ficou apenas conhecido por suas invenções como por suas ousadias da época; “vivendo a lançar moda”.

Além de inventor Santos= Dumont foi para a época arrojado, inteligente, criativo, excêntrico, bom caráter, amigos dos amigos, altruísta, e romântico; um verdadeiro idealista. Ousara por suas criações inovadoras, seu gosto excêntrico, seu grande valor estético, hábitos não comuns que não se limitaram apenas na construção dos balões.

Tez clara a corada, bigode pequeno, aparado e curto – nariz forte e marcante – sobrancelhas delgadas. Suas horas de trabalho eram ilimitadas, acarretando, em grande parte o desgaste de sua saúde. Usava cabelo gomalizado repartido ao meio, visual nada discreto, freqüentava o restaurante *Maxim's* e lançou no "*Parc des Princes*" o perigoso esporte das corridas de triciclo motorizado. Na cabeça um chapéu de Panamá, polainas e cravo na lapela além do traje aviador composto de: boné, óculos de proteção e calções ³/₄.

Tinha como *hobbies* preferidos: as caminhadas, *tennis* a equitação e as corridas de triciclos. Freqüentava teatros e concertos e tinha grande influência na hierarquia social; a ponto de seu hangar ser o local de encontro com amigos, como os reis: da Bélgica, Espanha e a Imperatriz Eugênia. Até hoje ninguém sabe até que ponto Santos Dumont estava consciente de sua influência nos hábitos ou na moda Francesa. *Uma coisa é certa: o pai da aviação fascinava Paris.*⁹ Mesmo não tendo intenção de lançar moda: dobrava a barra da calça por que era mais fácil para entrar e sair do balão. Ressentia-se do seu tamanho e usava botas tão avançadas na moda como a *bainha alta das calças*, inovação chamada de “*elevadores*”¹⁰, mas dizia que o solado espesso de suas botinas eram exigência para suas longas caminhadas diárias. A baixa estatura e o peso de 50 quilos lhe foram muito úteis. Mudou o design de sapatos para adaptá-los às suas manobras nos vôos. De uma elegância refinadíssima e impecável, dentro de uma grande simplicidade, o vaidoso e original lançou moda com o colarinho Santos Dumont. O uso de seu chapéu de Panamá rendeu mais um lançamento a época quando utilizou-se dele para apagar o fogo do motor. O chapéu ficou todo amassado, ele o vestiu foi fotografado e as pessoas começaram a usar o chapéu daquela maneira. Trajava com apuro e elegância dando preferência aos tecidos escuros e pesados, de listras verticais, cujo corte acentuava seu porte e um cinto em couro com o qual parecia controlar a “linha” que se impusera. O chapéu de Panamá desabado e os *colarinhos altos, dobrados e bem engomados universalmente guardaram o*

⁹ Jornal o Globo, datado de 16 de julho de 2005. ELA, p.5.

¹⁰ PENTEADO, YOLANDA. Tudo em Cor de Rosa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1976.p.59.

seu nome: “colarinbos Santos Dumont.”¹¹ Dumont era tão rápido nas invenções que pelo tempo que as fotos levavam para chegar de navio à redação dos jornais brasileiros, o modelo já havia sido modificado. *A notícia não correspondia às imagens.*¹²

Era um exímio anfitrião; preocupava-se em com detalhes ao convidar seus amigos a sua casa, até o cardápio que mandava confeccionar era elegante, os desenhos da carta, o jeito de organizar a agenda e receber as pessoas.

Era um *gourmet* mesmo voando em seus balões, seus *menus* não deixavam de terminar com sorvete e *fine champagne*.

Santos Dumont foi o número um de Paris na sua época. Os brinquedos mais procurados na Europa eram reproduções dos seus balões dirigíveis.

Na Paris que circulavam célebres nomes, como: Thomas Edison, Henry Ford, Guglielmo Marconi, Sigmund Freud, Charles Darwin, Louis Lumière, Pierre e Marie Curie, Degas, Cézanne, Renoir, Matisse e Pablo Picasso - foi nessa sociedade que Santos-Dumont ficou famoso da noite para o dia.

Dumont tinha grande influência na sociedade e tinha amigos importantes: Cartier, Lartigue, que era o maior fotógrafo francês da época, as famílias influentes, como a de Gabriel Voisin. Rei da Espanha, “Afonso XIII, atravessava a rua para cumprimentá-lo, e assim, todas as grandes personalidades de Paris¹³”.

“Acha que sou realmente popular?”, perguntou o presidente da França a um seu funcionário que respondeu: ‘Será popular no dia em que seu perfil for usado em pães doces e vendidos nos quiosques dos Champs-Élysées’.¹⁴ Em 1901, as crianças pediam em todas as doçarias: “Un Santos, s’il vous plaît”.¹⁵

Tudo quanto fazia era com intensidade: vivia esportivamente, trabalhava sempre, mesmo empenhando todas as suas faculdades no que estava fazendo. Afirmava que todo sucesso é filho do esforço contínuo e realizava em tempo surpreendentemente curto, as mais árduas tarefas que se impunha. Exatamente, este estado constante de tensão tenha o levado a um esgotamento precoce e lamentável desgaste de suas energias. “Seu corpo era uma perfeita máquina, sua vontade um carburante inexaurível¹⁶”

Seu temperamento representava o paradoxo: misto de arrojo e timidez. Dificilmente, podemos compreender um homem que tantas vezes se arriscou, fosse o mesmo recatado e esquivo, que nas ruas usava óculos escuros e, que segundo seu amigo famoso caricaturista Sem comentar, preferia afrontar a morte a ter que pronunciar duas palavras em público. Tinha verdadeiro culto pela beleza, admirava a poesia, a música e o teatro e a pintura. Seus sonhos continuavam a moldar-se em Júlio

¹¹ VILLARES, Henrique Dumont. Santos-Dumont. “O Pai da Aviação”. São Paulo: Melhoramentos, 1973.p.22.

¹² Segundo o João Luiz Musa, professor da Universidade de São Paulo (USP), curador da exposição “*Alberto Santos Dumont: J’ai navigué dans l’air*” em São Paulo e também curador da exposição de Paris, onde estão reunidos mais de 120 fotos restauradas do período em que viveu em Paris de 1898 a 1910.

Jornal o Globo, datado de 16 de julho de 2005. ELA, p.5.

¹³ PENTEADO, YOLANDA. Tudo em cor de rosa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1976.p.62.

¹⁴ PENTEADO, YOLANDA. Tudo em cor de rosa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1976.p.62.

¹⁵ PENTEADO, YOLANDA. Tudo em cor de rosa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1976.p.62.

¹⁶ FONTES, Ofélia e Narbal. Vida de Santos Dumont. Rio de Janeiro: A Noite, 1956.p.72..

Verne. Conseguia praticar o balonismo durante a manhã inteira no aeroclube, ou voar sobre Paris, e ainda estar no Maxim`s com o seu mecânico chefe “Chapin” numa mesa com quase 2 metros de altura. Mesmo não sendo nenhum espartano, Santos=Dumont considerava que pródigos almoços regados a champanhe eram parte normal de seus vôos no balão esférico "Brasil". Gustave Eiffel, aliás, os Rothschild e a princesa Isabel eram freqüentadores de seus jantares literalmente aéreos no apartamento de Champs-Elysées, servidos em cadeiras suspensas por cabos no teto(nossas atuais instalações de arte). Posteriormente, quando o reboco começou a cair, e este deu sinais que iria ceder, Alberto alcançou os mesmos resultados com mesa e cadeiras dotadas de pernas de quase 3 metros. Alcançava a cadeira subindo em pernas de pau e uma vez sentado e balançando-se ligeiramente nos arames, mandava servir a refeição. Com este sistema sua intenção era de se acostumar a fazer refeições em lugares altos e instáveis. O que deixava seus familiares e amigos perplexos com a cena.

Herdeiro de uma fortuna oriunda do plantio de café, mesmo tímido, as mulheres o adoravam, (embora achassem irritante que fosse incapaz de conversar sobre outra coisa que não os vôos, meteorologia e carburação de quatro tempos). Santos Dumont vivia sujando a roupa ao tirar o relógio do bolso, com as mãos manchadas de óleo enquanto trabalhava nos seus modelos de aviões. Para evitar esse contratempo, pediu a seu amigo Cartier que fabricasse um relógio que pudesse ser acomodado no pulso, e esse foi o primeiro relógio de pulso fabricado na França e chegou a ser chamado de *Santos Watch*. O relógio



"Santos", primeiro relógio de pulso, é ainda hoje a criação mais vendida da Cartier. Cartier também desenhou jóias para Santos Dumont, em especial uma peça crivada de rubis, e gravada com uma dedicatória a certa "*Belle de Neuilly*", personagem misteriosa que disseram ser a amante do inventor. Revistas e jornais começaram a noticiar tanto seu estilo de vida quanto suas invenções. Embora a própria natureza de suas experiências e trabalhos o pusesse em grande evidência, nunca se despiu de sua modéstia natural.

Já debilitado pela depressão ao longo dos anos, e com o presenciar da Primeira Guerra Mundial e posteriormente, com o desencadear do Movimento Constitucionalista em 09 de julho de 1932 para Santos Dumont seus vôos não haviam tido o objetivo que tanto queria: o homem pode voar.

Pacifista e humanitário o presenciar dos ruídos dos aviões prontos ao combate, fez deste visionário e ilustre se isolar fisicamente. No dia 23 de julho de 1932 Santos Dumont dá cabo a sua vida. O suicídio simboliza não só o fim de sua busca incessante como também a única salvação possível para o tédio.

Santos Dumont encontra na morte a solução.

Homem de posses poderia facilmente ter-se entregue a uma vida de ociosidade elegante. Mas o dândi do século XX assim por ele proposto é o homem da tecnologia, da velocidade, da ação e apenas as aparências não bastaria para firmar-se. A elegância, o esmero e a exagerada preocupação com o vestir-se, a criação de um estilo atemporal (independente do que vigorava no momento), a imagem como apresentação e representação do dândi em Santos Dumont está estreitamente ligada a nova onda dos motores a vapor, a velocidade das máquinas, velocidade das pessoas onde a tecnologia começa a limitar o tempo e as cidades.

“Ao fim de tudo somos escravos das criaturas que fizemos”

Goethe



